

## SIMPÓSIO AT180

### DAS BATALHAS DA VIDA ÀS BATALHAS DE RIMAS

VIDON, Geyza R. O. Novais  
SEMED/PMVV  
geyzanovais@gmail.com

**Resumo:** Caleidoscópio discursivo e cultural, o rap é um exemplo de hibridismo fantástico. Cânone e profano, “junto e misturado” (conforme a expressão popular), mixando os gêneros e dando luz ao novo-velho. Carregado da tradição oral do narrar cantado dos povos africanos, enraizado no valor da experiência e no peso do testemunho, como nas narrativas clássicas, as narrativas de rap rompem com as fronteiras dos silenciamentos e se apresentam. Neste trabalho, refletimos sobre esse espaço discursivo-cultural, ouvindo, dialogicamente (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2013; BAKHTIN, 2010), as vozes desses sujeitos a partir da análise de Raps produzidos em Batalhas de Rimas realizadas em um evento de Hip Hop da Grande Vitória, ES. As batalhas de rimas representam esteticamente os desafios enfrentados diariamente por aqueles que estão sempre à margem de um sistema oficialmente instituído e, quando observados de forma mais cuidadosa e menos estigmatizada, percebemos a riqueza dessas batalhas e a potência política e poética de seus dizeres. Acreditamos, enfim, que essas vozes colocam em discussão tensões sociais típicas de nossa contemporaneidade, indiciando processos dinâmicos e complexos, no que tange a questões de identidade, subjetividade, territorialidade, entre outras. Desse modo, a análise discursivo-cultural, isto é, uma análise que procura colocar em diálogo as teorias do discurso e os estudos culturais, pode construir uma compreensão crítica do movimento hip hop, da poética do rap e de sua inscrição na realidade social.

**Palavras-chave:** Estudos Bakhtinianos, Ética e estética do Rap, Educação.

**Abstract:** Discursive and cultural kaleidoscope, rap is an example of fantastic hybridism. Canon and profane, "together and mixed" (according to popular expression), mixing the genres and giving light to the new-old. Born of the oral tradition of the narrated sung of the African people, rooted in the value of experience and the weight of testimony, as in the classic narratives, rap narratives break with the boundaries of silence and present themselves. In this work, we reflect on this discursive-cultural space, listening, dialogically (BAKHTIN / VOLOSHINOV, 2013; BAKHTIN, 2010), the voices of these subjects from the analysis of Raps produced in Battles of Rhymes performed in a Hip Hop event of the Great The battles of rhyme represent aesthetically the challenges faced daily by those who are always on the margins of an officially instituted system, and when observed more carefully and less stigmatized, we perceive the richness of these battles and the political and poetic power of In this way, the discursive-cultural analysis, in order to be able to analyze the social, cultural, political, social, that is, an analysis that seeks to put into dialogue theories of discourse and cultural studies, can construct a critical understanding of the hip-hop movement, the poetics of rap, and its insight into social reality.

**Keywords:** Bakhtinian Studies, Rap ethics and aesthetics, Education.

### **Das batalhas da vida**

Vou pedir licença para iniciar este texto me colocando na cena, algo meio fora dos padrões acadêmicos.

Há cinco anos, eu estava saindo do curso de doutorado com uma tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e um misto de sensações me sufocava o peito, a minha existência e a minha própria condição humana.

Ora pensava: Caramba! Eu consegui defender minha tese, apesar de todas as antíteses que me empurravam para o caminho oposto. Outrora pensava: Tá bom, e agora? O que você vai fazer com essa pesquisa? Com esse “objeto”? Em que medida essa experiência afetará as suas relações e o seu dever daqui em diante?

Sinceramente, almejava me tornar uma professora-pesquisadora universitária, pois aparentemente acabava de obter a licença para tentar este posto. Porém, mesmo tendo batido na trave e ficado em 2º lugar em um concurso no Centro de Artes da mesma universidade em que obtivera o título de doutora, não quiseram as circunstâncias ou o próprio jogo político de interesses que eu me fizesse professora e pesquisadora naquele espaço<sup>1</sup>.

Atualmente, não crio expectativa em relação ao espaço acadêmico, mas não desisti, apenas não posso ficar parada esperando acontecer. A vida é assim: algumas batalhas a gente perde e outras a gente ganha. Meus estudos e pesquisas foram desenvolvidos num ritmo frenético, sala de aula, escola pública, filhas - praticamente uma escadinha- família e cozinha – sim, eu gosto de cozinhar. Bem, mas toda essa história se faz necessária para dizer e mostrar que não é impossível fazer um doutorado mesmo não sendo aquele(a) orientando(a) “ideal”.

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que em dois momentos distintos fui aprovada em dois processos seletivos para professora substituta do departamento de filosofia (UFES), onde tive a oportunidade de vivenciar e experimentar o magistério do ensino superior.

Estou certa de que a grande maioria de nós batalhamos cotidianamente em busca de dar sentido e significado à nossa existência. E foi exatamente esse movimento dialético entre o sonho-desejo e a realidade concreta que me despertou o olhar para o universo discursivo do Hip Hop, da linguagem poética e marginal do Rap e das batalhas de rimas.

Mesmo sem saber rimar, sinto que como eles, meus sujeitos de pesquisa, guerreiros e guerreiras do hip hop, eu também sou mais uma que batalha para “não deixar a peteca cair”, às vezes em frangalhos, às vezes eufórica, mas sempre no movimento complexo, dinâmico, híbrido, múltiplo e frenético do existir e do resistir.

Estou agora batalhando para forjar na escola aonde estou diretora, a UMEF Prof. Thelmo Torres, no município de Vila Velha, Estado do Espírito Santo, Brasil, um espaço produtivo e rico de poesias, criatividade, linguagens, culturas, mundos e sujeitos.

Há aproximadamente dois anos e meio, venho tentando, junto com a equipe escolar (*a de responsa*), entender, envolta a tantas demandas burocráticas, como trazer para dentro da escola o universo fértil, poético, estético e crítico de nossos alunos e alunas.

Como despertar neles o desejo de sonhar e de se colocar no e para o mundo?

Como levar as batalhas de rimas, as batalhas de free style para dentro dos muros da escola? Ou para seu entorno?

Sei que a maioria dos nossos alunos e alunas são musicais, dançarinos e compositores. Já tivemos um 2º lugar em festival de música, na categoria composição-intérprete. Temos também um grupo de hip hop que já nos trouxe algumas matérias positivas no noticiário local. Infelizmente, hoje esse grupo está fragilizado, pois o programa que promovia esse tipo de projeto, o Programa Novo Mais Educação, do governo federal, foi extinto da nossa unidade de ensino e de aproximadamente 90% das unidades de ensino de Vila Velha e de outros municípios, fato lamentável e totalmente atrelado às políticas

educacionais que estão em vigor em nosso país desde 2016, quando houve um golpe de estado contra a presidenta Dilma Rousseff, eleita democraticamente pelo povo.

A partir daqui tentarei dar um tom mais acadêmico a este texto, apresentando um pouco da minha tese, na qual pude experimentar a potência poética, política e estética da linguagem do Rap e das várias expressões do movimento Hip Hop.

### **Das batalhas de rimas**

No dia 26 de janeiro de 2013 fui convidada a ver, ouvir e sentir o evento “Escola de Rimas”, promovido e realizado no espaço anexo ao pátio externo da Escola Estadual Gomes Cardim, em Vitória-ES.

O início estava previsto para as 17h, porém, ao chegar no local, me deparei com a seguinte situação: o anexo (um minipátio de estrutura rudimentar, precária) estava repleto de baratas e com muitas folhas secas caídas sobre o piso, e foi começando pela limpeza do local que as pessoas envolvidas no evento o iniciaram.

O desejo de fazer acontecer foi infinitamente superior ao ímpeto de desistir e deixar o local como foi encontrado. Não fosse o bastante ter que pôr a mão na massa, ou melhor, na vassoura e limpar o espaço, ainda tiveram que mobilizar as pessoas que ali estavam para que não faltasse água potável, pois a escola estava com os seus portões internos fechados. Todos que puderam, prontamente juntaram o suficiente para comprar a água e esta foi conscientemente partilhada entre os organizadores, mc’s e público.

Assim, as artes foram se apresentando, em uma dinâmica simultânea, grafite, rap, organizadores e público, todos integralmente inseridos e envolvidos na produção do movimento estético e ético “Escola de Rimas”. Ao mesmo tempo, no mesmo espaço, o som do rap, nas vozes dos mc’s e no ritmo dos dj’s, a arte do grafite, acontecendo “ao vivo e a cores”, “souvenirs” do hip hop à venda, como camisas, camisetas, bermudas, etc., distribuição de fanzines do

movimento e, também, uma banca de produtos bibliográficos relacionados à cultura hip hop.

Após a apresentação de duas músicas de rap, por um grupo de São Paulo que estava em visita à Vitória, iniciou-se a “Batalha do Vocabulário”. Cada batalha envolveria dois mc’s, já inscritos e devidamente sorteados em duplas. A batalha que analiso a seguir foi a 3ª daquele dia e reuniu os mcs que venceram as suas respectivas batalhas e agora iriam duelar entre si. Chamarei os duelantes dessa batalha de mc C. A. e mc L.<sup>2</sup>

Após a definição da dupla, o condutor da batalha, MC Bocaum, deu início à procura, no dicionário, da palavra que seria o “tema” do primeiro round da batalha entre mc C. A. e mc L. Com um dicionário escolar, acessível à maioria dos participantes, MC Bocaum percorreu as páginas do dicionário e escolheu a palavra “Linguagem”. Após mostrar a escolha para um outro membro da organização do evento e, também, para os dois mcs duelantes, MC Bocaum leu todo o verbete relativo à Linguagem.

A palavra é linguagem, “Utilização dos elementos de uma língua como meio de comunicação entre os homens de acordo com as preferências de cada um, sem preocupação estética. Qualquer meio de se exprimir, ou que se sente ou o que se pensa, estilo linguagem”. Vamo lá 45 segundos pro mc, galera, lembrando: vamo fazer barulho, vamo botar pilha na batalha, ae vai que vai.

Iniciou-se, então, o 1º round da 3ª batalha daquele dia. Vejamos, a seguir, as rimas realizadas pelos mc’s C. A. e L. a partir do tema Linguagem:

Vamo que vamo hein, obrigado Garcia, Linguagem, aham, aham.. hei.. Em tudo o que eu faço coloco muito amor, no momento você é como ouvinte ou como locutor, por isso que eu vou fazendo minha viagem , o tem foi colocado, é a linguagem, eu vou na locução, vou na transmissão, cê tá ligado, que eu faço a locução verbal, oral, meu estilo é racional, sou muito mais que radical, então L., tem que aprender vai desenvolver, eu sei como que faz um MC, vale como jornal ou como literatura , com as minhas rimas eu te levo as alturas, com minha linguagem eu paro até viatura, porque na minha linguagem eu coloco evolução, a minha

<sup>2</sup>Utilizamos aqui as iniciais dos nomes dos dois mc’s para preservar suas identidades. Tanto os organizadores da Escola de Rimas, quanto os participantes das Batalhas de Vocabulário estavam de acordo em relação à utilização das gravações para fins de pesquisa.

linguagem é dotada de comunicação, eu levo a transmissão, eu já decorei até a constituição, linguagem oral, verbal, a de sinal, cê tá ligado porque eu me... é porque estrangeiro eu vou fazendo a minha linguagem, porque sou brasileiro, mas a minha linguagem mesmo é de freestyleiro.. [MC "C. A."]

Satisfação em tá aqui, rimando pra vocês, se é pra falar de linguagem eu falo a nossa: "RAP". Demoro, vamo galera, satisfação aqui agora fazendo rap procês de coração, aqui no lado dos parceiros, A., jáé, demoro parceiro vamo que tá, é nois jae, demoro irmão vou falar uma parada, aqui agora sem sacar, mas a palavra é linguagem, se é pra falar de linguagem é nois irmão, sai da escola, é ja ta voltando as aulas, po. Confusão, eu queria ficar em casa, ta tranquilo, mas é melhor ta aqui no meio dos amigo, metendo um free style, fazendo minha parte, no momento mostrando talento, jogando essas rimas ao vento, palavras jogadas pra vocês poderem ouvir, sentir o que eu quero passar aqui, o papel de um MC, mostrar o seus sentimentos, pegá o microfone e mostrar seu argumento....[MC "L."]

Um primeiro aspecto que merece ser observado nesta análise é a conclamação de participação da coletividade presente no desenvolvimento da batalha. Ainda que fosse imprescindível dar atenção e escutar as rimas realizadas pelos dois mc's, o mestre de cerimônia principal, MC Bocaum, conclama o público a participar da batalha: "galera, lembrando: vamo fazer barulho, vamo botar pilha na batalha, ae vai que vai." A galera, então, acompanha o ritmo do rap desenvolvido pelo Dj Jack através de um gestual, em que a mão direita é agitada para frente, seguida de gritos de incentivo.

Antes de entrar no tema propriamente dito da batalha, Linguagem, o mc L. se situa em relação ao local discursivo e cultural de onde fala. O "aqui-agora" a que se refere, e em relação ao qual se reconhece satisfeito, trata-se do próprio cronótopo do hip hop, enquanto movimento cultural, cuja principal expressão de linguagem é o rap. Esse tempo-lugar é afirmado, valorado, reconhecido (BAKHTIN, 2010) pelo sujeito em seu ato de enunciação. E essa afirmação/valorização/reconhecimento é compartilhada com os outros sujeitos ali presentes.

Assim, o mc toma a palavra para afirmar o seu local particular (BHABHA, 1998; LACLAU, 2001), ainda que seu objeto de discurso, o seu

“tema” seja, por princípio, universal. O sentido dicionarizado de Linguagem, o ‘significado’ de “linguagem”, segundo Bakhtin/Voloshinov (2013), em Marxismo de Filosofia da Linguagem, é o seu sentido geral, universalmente reconhecido, uma verdade *istina*, como Bakhtin (2010) propõe em “Para uma filosofia do ato responsável”. No entanto, ao tomar a palavra para construir o seu discurso, o mc L. se vale daquele tempo e espaço para reafirmar o local de sua cultura, de sua coletividade, de sua alteridade. O seu projeto discursivo não diz respeito à linguagem como uma entidade universal, mas, sim, à sua linguagem, à linguagem de uma coletividade ali concretamente representada: o rap.

Apesar de menos evidente, neste sentido, a rima elaborada pelo mc C. A. também apresenta marcas de uma consciência de uma coletividade que subjaz ao processo enunciativo. “vamo que vamo”, “você é como ouvinte ou como locutor”, “cê tá ligado” seriam exemplos dessa consciência de um lugar discursivo no qual uma coletividade está acima de uma performance individual. O mc inicia, também, sua performance agradecendo à “Garcia”, a quem manda um “salve”, prática discursiva comum ao gênero rap.

Com as performances realizadas, o público escolheu a que considerou melhor. Após essa escolha do público, o MC Bocaum passou a dar sequência à batalha, buscando uma nova palavra no dicionário para um novo duelo entre os mc’s participantes.

### **Considerações finais**

A batida, a melodia, a letra do Rap chegaram aos meus ouvidos através dos meus alunos. Muitos deles eram taxados por alguns professores como incapazes e fracassados (VIDON, 2014).

Naquela época, por volta de 2004, quando atuava como professora do ensino fundamental de uma escola municipal de Valinhos, interior do Estado de São Paulo, fui arrebatada por eles e pela potência daquela linguagem marginalizada. O desejo de ter uma leitura desse universo chegava a me sufocar. Tanta vontade de ir ao encontro deste OUTRO, conforme

Bakhtin/Voloshinov (2013), me fez buscar instrumentos e traçar pontes, promover encontros entre o acadêmico e o popular, entre o formal e o não-formal, entre o oficial e não-oficial.

Batalhas foram travadas e deste caos veio o trabalho de pesquisa aqui discutido.

Concluo este texto louvando todas as batalhas travadas, as bem e não tão bem sucedidas, pois todas elas me fizeram perceber que a existência sempre se faz significativa.

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

FREIRE, P. & MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LACLAU, Ernesto. Universalismo, Particularismo e a Questão da Identidade. IN: MENDES, C. (coord.) e SOARES, L. E. **Pluralismo Cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VIDON, G. R. O. N. **A narrativa do hip hop e suas interfaces com o contexto educacional**. Tese de Doutorado: PPGEL/UFES, 2014.